

RTP-AÇORES E NARRATIVAS FICCIONAIS: UMA RELAÇÃO IDENTITÁRIA

Catarina Duff Burnay¹
Universidade Católica Portuguesa
Sociedade Científica

Introdução

A ficção sempre se constituiu como um segmento âncora na definição das grelhas de programação dos canais generalistas portugueses. Apresentada sob formatos diferentes, com predomínio da telenovela, as histórias inspiradas na contemporaneidade e na memória colectiva nacional são produzidas de forma continuada, seguindo padrões estruturais já testados e garantindo níveis audimétricos elevados.

Se, na década de 60, o teleteatro, o folhetim e o filme, entre produções domésticas e importadas, encantavam o público português, 1977 fica marcado como o ano de estreia da telenovela, a brasileira *Gabriela* da TV Globo. No pós-25 de Abril, período de busca pela normalização democrática, os portugueses criaram uma empatia imediata com o formato – há quem diga que numa tentativa de fuga às instigações políticas – proporcionando uma alteração de rotinas e a emergência de novos comportamentos (Ferin, 2003a, 2003b).

O sucesso das telenovelas brasileiras fez com que a RTP (Rádio e Televisão de Portugal) passasse a transmiti-las regularmente. Títulos como *Dancing Days*, *O Casarão* e *O Astro* levaram à reflexão sobre a necessidade de a estação de serviço público enveredar por uma produção própria, o que veio a suceder em 1982, com a telenovela *Vila Faia*, inaugurando-se um ciclo estável de apresentação de títulos.

Com o aparecimento dos canais privados no início da década de 90 – SIC (Sociedade Independente de Comunicação) e TVI (Televisão Independente) – o panorama televisivo

¹ Catarina Duff Burnay é Doutora em Ciências da Comunicação pela Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, onde iniciou a sua carreira académica em 2002. Actualmente, é Coordenadora da Licenciatura em Comunicação Social e Cultural e Assistente, leccionando *Media e Género*, *Produção e Programação e Indústrias Criativas* aos Mestrados em Ciências da Comunicação e em Estudos de Cultura e *Introdução à Comunicação e Públicos e Audiências* ao Curso de Licenciatura em Comunicação Social e Cultural. É coordenadora pedagógica da Pós-Graduação em Televisão e Cinema e da Pós-Graduação em Jornalismo Cultural. Co-coordenadora da equipa portuguesa para o Obitel-Portugal (Observatório Ibero-americano da Ficção Televisiva). Investigadora e Membro do Conselho de Redacção do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura (CECC) (linha *Media, Technology, Contexts*).

RTP-AÇORES E NARRATIVAS FICCIONAIS: UMA RELAÇÃO IDENTITÁRIA

passou do monopólio ao mercado e as narrativas ficcionais continuaram a assumir-se como o elemento fulcral na arte de programar, desempenhando um papel *funcional* (Hobson, 2003). Neste sentido, estabeleceu-se um clima de disputa entre os três canais por autores, actores, produtoras, horários e audiências: o horário nobre foi dilatado; cresceram os investimentos publicitários; o número de títulos nacionais aumentou e estabeleceu-se um *star system*, levando à assinatura de contratos de exclusividade entre artistas e estações, à inflação de salários e à alimentação de outras indústrias, como a imprensa especializada e a fonográfica. Este fenómeno, de recorte internacional, não passou despercebido à comunidade académica que, desde os anos de 1970 (nos Estados Unidos da América, em Inglaterra, em países da América Latina), se debruça sobre a temática². De uma forma genérica, são trabalhos ancorados nos *Cultural Studies* e na *Teoria das Mediações* e desenvolvem-se tanto na óptica da produção, como da recepção. No primeiro caso, procura-se compreender as dinâmicas de produção, as estratégias narrativas empreendidas e as expectativas dos profissionais relativamente às audiências, revelando-se um interesse pelas práticas do(s) momento(s) do *encoding* (Hall, 1996). Os trabalhos efectuados junto da recepção, os mais comuns, procuram aferir os “usos e as gratificações” feitos e obtidas pelas telespectadoras (género que oferece maior grau de adesão), através do contacto directo e continuado com os conteúdos de ficção. A implementação mais tardia deste fenómeno em Portugal reflectiu-se numa exploração académica mais recente, contudo predominam os estudos sobre as questões de género e os resultados são, na sua generalidade, muito semelhantes aos avançados pelos estudos estrangeiros: a ficção atrai de forma mais expressiva as mulheres que encontram, em especial

² Ver, entre outros: David Morley (1986) *Family Television: Cultural Power and Domestic Leisure*, London: Routledge; David Morley (1992) *Television, Audiences and Cultural Studies*, London: Routledge; David Buckingham (1987) *Public Secrets: East Enders and Its Audience*, London: British Film Institute; Sonia Livingstone (1998) *Making Sense of Television: The Psychology of Audience Interpretation*, London: Routledge; Roger Silverstone (1994) *Television and Everyday Life*, London: Routledge; Dorothy Hobson (1982) *Crossroads: The Drama of a Soap Opera*, London: Methuen; Ian Ang (1985) *Watching Dallas: Soap Opera and the Melodramatic Imagination*, London: Methuen; Janice Radway (1985) *Reading the Romance: Women, Patriarchy and Popular Literature*, Chapel Hill: University of North Carolina Press; Tania Modleski (1982) *Loving with a Vengeance: Mass-Produced Fantasies for Women*, Hamden: Anchor; Tania Modleski (1983) "The Rhythms of Reception: Daytime Television and Women's Work", Ann Kaplan (ed.) *Regarding Television*, Los Angeles: America Film Institute; Tamar Liebes, Elihu Katz (1991) *The Export of Meaning. Cross Cultural Readings of Dallas*, Oxford: Oxford University Press; Milly Buonanno (2007b) "O Teledrama como sistema central de narração de histórias na Itália contemporânea", *MATRIZES*, Ano 1, n.º1, São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo; Maria Immacolata Vassallo de Lopes et al (2002) *Vivendo com a Telenovela. Mediações, Recepção, Teleficcionalidade*, Brasil: Summus Editorial; Jesús Martín-Barbero (1998) *De los Medios a las mediaciones. Comunicación, cultura y hegemonía*, México: Ediciones Gustavo Gilli.

RTP-AÇORES E NARRATIVAS FICCIONAIS: UMA RELAÇÃO IDENTITÁRIA

no formato telenovela, uma fonte de escapismo do quotidiano e um espaço para a projecção dos seus desejos, sonhos, tristezas e angústias³.

Apesar do predomínio deste binómio de observação (género/recepção), encontramos uma tendência de estudo actual centrada na relação da ficção televisiva com questões identitárias, sejam elas nacionais, regionais ou locais. Apesar da existência de *targeted media* com capacidades mais plásticas, como o computador e a *internet*, sem dúvida que a televisão e os seus textos continuam a funcionar como elementos mediadores e representantes de experiências partilhadas ou propícias a serem partilhadas, fruto da sua antiguidade e tradição dentro do seio familiar.

De acordo com Chris Barker (2005), a televisão e as suas narrativas permitem a desconstrução e reconstrução das identidades culturais, funcionando como fontes de construção de *identity projects*. Nesta linha de pensamento, Maria Immacolata Lopes (2008, 2009) entende que os programas de ficção desempenham um papel chave na organização do mercado televisivo, pois a forma como são construídos permite a apresentação, produção e reprodução da imagem de um povo que, ao contactar com o produto, se sente identificado. Neste sentido, a ficção televisiva apresenta-se como uma “narrativa popular sobre a nação” que, ao conquistar um lugar de sucesso junto das audiências de forma estável e durável, acaba por sofrer um processo de “indigenização” e apresentar-se como um género nacional (Appadurai, 2004).

A ficção é, assim, encarada como um lugar onde se narra a nação “disseminada” (Bhabha, 2006), a nação “imaginada” (Anderson, 2005), inserindo-se num espaço de discussão no qual

³ Ver, entre outros: José Manuel Leite Viegas (1987) "Telenovelas: do modelo de produção à diversidade de reconhecimento" *Sociologia. Problemas e Práticas*, Lisboa: Europa-América, pp.13-45; João Paulo Moreira (1980) "Telenovelas: a propósito da cultura de massas" *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º4/5, Coimbra: Centro de Estudos Sociais, pp. 47-85; João Paulo Moreira (1991) "Telenovela: um desfile de modelos" *Revista crítica de Ciências Sociais*, n.º33, Coimbra: Centro de Estudos Sociais, pp. 253-263; João Paulo Moreira (1994) "Serões nos Trópicos: para uma abordagem etnográfica da telenovela" *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 39, Coimbra: Centro de Estudos Sociais, pp. 59-86; João Paulo Moreira (2000) "Avatares da Telenovela: para uma caracterização histórico-estrutural do género" <https://woc.uc.pt/fluc/getFile.do?tipo=2&id=373>; Jorge Paixão da Costa (2003) *A Telenovela – genealogia de um modo de produção: o caso português*, Lisboa, Edições Universitárias Lusófona; Isabel Ferin (2004) "Da telenovela à prostituição" *Revista Media e Jornalismo*, n.º5, Ano 4, Lisboa: CIMJ, pp. 63-80; Isabel Ferin (coord.) (2006) *A Televisão das Mulheres: ensaio sobre a recepção*, Lisboa: Bond; Verónica Policarpo (2006) *Viver a Telenovela. Um estudo sobre a recepção*, Lisboa: Livros Horizonte; Catarina Duff Burnay (2004) *Ficção Nacional: a emergência de um “novo” paradigma televisivo*, dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação, Lisboa, Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa; Catarina Valdigem (2005) *A indústria cultural televisiva como fonte mediadora de processos de hibridação cultural: estudo de recepção da telenovela brasileira O Clone*, dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação, Lisboa, Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa; Josefina Tranquilin Silva (2007) *O Erótico em Senhora do Destino. Recepção de Telenovela em Vila Pouca do Campo, Portugal*, tese de doutoramento apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Fernanda Castilho Santana (2009) "Estudo de recepção na Vila de Anadia: A telenovela brasileira em Portugal", Dissertação de Mestrado a apresentar à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Janeiro de 2010).

RTP-AÇORES E NARRATIVAS FICCIONAIS: UMA RELAÇÃO IDENTITÁRIA

converge a interação entre a problemática da(s) identidade(s) colectivas, da globalização e da Cultura. De acordo com Lopes (2008), as evoluções tecnológicas permitem a formação de galáxias compósitas, mais do que sociedades mcdonaldizadas (Ritzer, 1993), formadas por objectos, ideias e símbolos que viajam de mundo para mundo. Este princípio assenta na ideia de que, embora apareçam produtos homogéneos e até estandardizados, a tendência é para o aparecimento de afirmações locais, fazendo com que a nação surja como “lugar antropológico de construção de identidades” e a ficção televisiva surja como chave de interpretação.

Num contexto de globalização e de mobilidade, a ideia de nação está associada a uma dimensão simbólica, mais do que a uma dimensão territorial, e a televisão (e a ficção), assume(m) um papel crucial na sua expressão através da tematização – o acto de mostrar/documentar e narrar/comentar os factos político-económicos e socio-culturais; através da ritualização – a capacidade de alinhar os tempos sociais da nação; através da pertença – a capacidade de criar memórias e expectativas e, por fim, através da participação – a possibilidade de oferecer aos telespectadores um espaço e um tempo, quer através da participação directa, quer através da representação (Lopes, 2009).

Dentro da mesma orientação, Enric Castellò (2007, 2009) defende que a construção da identidade nacional na ficção televisiva se funda na localização da história, na linguagem, na representação da cultura, usos, costumes e tradições. Para além disso, a ‘identidade’ é construída no contraste entre o “nós” e os “outros” através do recurso, sempre renovado a ideias e temáticas, num processo de despresentificação, logo, de “historicização”, apresentando-se como a “expressão da estrutura mais geral de sentimentos colectivos” (Buonanno, 2007:154).

Na opinião dos autores citados, o desenvolvimento de histórias assentes na memória partilhada e nos momentos traumáticos em que a identidade foi afectada e reinventada, faz com que o sistema do *broadcasting*, ou do (já) denominado *post-broadcasting*, continue a preencher o papel principal e a atrair a atenção do público (Turner: 2009). No fundo, partindo do princípio de que a identidade se articula com o plural, com o fluido e com o híbrido, os media, de onde se destaca a televisão e a capacidade de serem *storytelling machines*, devem ser vistos como agentes da causa nacional (O'Donnell *et al*, 2009).

Tendo por base esta valência de análise – a relação das identidades com os produtos de ficção televisiva – e cientes da importância e do impacto da ficção televisiva nacional, desenvolvemos um estudo dos títulos produzidos pelos três canais generalistas (RTP1, SIC e TVI) nos últimos 10 anos. Embora tenhamos constatado a existência de um modo próprio, nacional, de contar as

RTP-AÇORES E NARRATIVAS FICCIONAIS: UMA RELAÇÃO IDENTITÁRIA

histórias, encontramos macro tendências na sua construção, indicativas de uma matriz mais global do que local (títulos genéricos, temáticas transnacionais, locações descaracterizadas e atemporais, personagens estereotipadas). Do nosso ponto de vista, esta situação poderá estar relacionada, por um lado, com a necessidade das estações e produtoras colocarem os produtos de *stock* no circuito comercial e, por outro lado, como forma de combate à homogeneização dos conteúdos brasileiros mediante o decalque.

Face a esta realidade, isolámos um estudo de caso da realidade nacional – a RTP-Açores e a sua produção ficcional. Em nossa opinião, as suas características de insularidade e regionalismo preservam ainda importantes cambiantes de uma identidade delimitável passíveis de observação, levando-nos a interrogar sobre a capacidade dos títulos de ficção em funcionar como espaços de apresentação, produção e reprodução de uma identidade açoriana.

Identidade Açoriana

“Num viveiro de lusitanidade quatrocentista”, nasce o ilhéu, uma criação que ganha forma quando o “continental transplantado se descontinentaliza” e perde os seus pontos de referência (Nemésio, 1989: 13). Como ilhéu, a viver num espaço isolado, assume a condição de insular e, ao conviver com outros continentais “transplantados”, acaba por adquirir novos hábitos, costumes e crenças, produzindo um tecido social novo e, acima de tudo, próprio, o que leva, de uma forma natural, à consciencialização do ser açoriano. Assim, “há um escalonamento temporal e espacial no processo de insularidade. Primeiro é-se insular geograficamente, depois, é-se insular psicologicamente; por fim, é-se insular culturalmente” (Rosa e Trigo, 1990: 19).

É na convergência destas três facetas que emerge a identidade do açoriano ou, nas palavras de Vitorino Nemésio (1901-1978)⁴, a *açorianidade*. Termo usado pela primeira vez em 1932⁵, *açorianidade* pode ser entendido como uma expressão dos traços de uma comunidade, no fundo como conceito caracterizador de “entidade cultural colectiva” (Almeida, 1987: 305), atendendo à “existência de uma realidade açoriana que não só geograficamente se manifesta, mas que sobretudo é vivida numa ética própria, numa vida – em suma – em muitos pontos especializada e diferenciada” (Nemésio, 1995 [1932]: 88).

⁴ Vitorino Nemésio Mendes Pinheiro da Silva, oriundo da Ilha Terceira, foi poeta, ensaísta, romancista e Professor na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e na Universidade Livre de Bruxelas.

⁵ “Açorianidade”, *Insula*, 7/8, Julho/Agosto, 1932 (Vitorino Nemésio (1989 [1932]) “Açorianidade” Carlos Cordeiro, et al (rec. e sel. textos) *Açorianidade e Autonomia. Páginas Escolhidas*, Ponta Delgada: Signo, pp. 13-14). Este conceito segue os princípios que levaram à criação do termo *hispanidad* por Miguel de Unamuno (*En torno al Casticismo*, 1895).

RTP-AÇORES E NARRATIVAS FICCIONAIS: UMA RELAÇÃO IDENTITÁRIA

Embora a nacionalidade seja reconhecida aos portugueses, desde 1822, na nossa tradição jurídico-constitucional, pelo *jus solis* e pelo *jus sanguinis*, nem sempre esses requisitos terão sido suficientes para os indivíduos se auto-percepcionarem realmente enquanto tal. Podemos ilustrar este pensamento com um exemplo dado pela história e citado por José Mattoso (2001:14): na segunda metade do século XIX, o Rei D. Luís perguntou do seu barco a uns pescadores se eram portugueses, ao que estes responderam: “Nós outros? Não, meu Senhor! Nós somos da Póvoa do Varzim!”. Esta história leva-nos a pensar que, apesar da antiguidade do Estado, a noção de pertença a uma comunidade nacional é relativamente recente. A partir da Revolução Liberal, o país confrontou-se com o desafio político e cultural de fundar e legitimar uma nova ordem nacional, um novo sentimento de pertença colectiva a uma só comunidade, quer espacial, quer histórica. Foi esse esforço de liberais oitocentistas, republicanos e salazaristas que brindou o nosso tempo com vagas de “reaportuguesadores”, de “inventores de Portugal”, na literatura, na arte, na música e na arquitectura. No entanto, o analfabetismo, bem como a fragmentação e a pobreza do tecido económico nacional, nunca permitiram criar uma identidade supra-individual e supra-regional, fazendo com que o contexto em que o indivíduo nascesse e crescesse assumisse o estatuto definidor da sua identidade, contribuindo para o enfraquecimento ou mesmo para a anulação de laços mais abrangentes.

Partindo do caricato exemplo dos pescadores nortenhos, podemos fazer uma analogia com o arquipélago dos Açores, pois se no século XIX os pescadores só viam a sua Póvoa do Varzim, eram raros os açorianos de então que não se diziam *micaelenses*, *terceirenses* ou *faialenses* antes de serem portugueses, dado que os Açores eram o seu “país natal”. Fruto também da situação geográfica pode dizer-se que a relação do arquipélago com o Portugal continental, pelo menos até ao século XX, era muito semelhante a uma relação metrópole-colónia. Assim, existiam vários escritos onde a ideia de Portugal como uma nação pluri-espacial – na qual o arquipélago dos Açores estivesse plenamente integrado e onde fosse assumido o sentimento português dos açorianos – não era clara, fazendo com que, no caso açoriano, se desenvolvesse um certo “orgulho na insularidade”, cujo reverso sempre foi (e ainda poderá ser), uma certa “mágoa de abandono”.

Mercê da situação geográfica, o mar é um dos elementos base na vida dos ilhéus. É com ele que os indivíduos mantêm uma forte relação, pois, se, por um lado, oferece a certeza do confinamento, por outro lado, oferece a possibilidade de fuga e de ligação com o resto do

RTP-AÇORES E NARRATIVAS FICCIONAIS: UMA RELAÇÃO IDENTITÁRIA

mundo. Vitorino Nemésio, também ele açoriano, em *Corsário das Ilhas* – o testemunho escrito das suas viagens aos Açores em 1946 e em 1955 – regista este sentimento, ao afirmar que:

os continentais, sempre um pouco malignos connosco, bem davam a imagem do nosso estreitamento neste Mundo, dizendo: “Vocês, quando acordam, não estendem as pernas, com medo de que o mar vos molhe as pontas dos pés”... Ora, se isto não é fisicamente verdade (...) tem todavia uma certa razão interior: traduz caricaturalmente a nossa sensação insular de solidão e de limite. Nós não temos medo de que o mar nos alague ou de que a terra nos falte: - temos sempre presente, como salutar advertência, a sensação de que o Mundo é curto, e o tempo mais curto ainda.

Mas contra o que se poderia tirar da área apertada que nos coube no berço, quanto à nossa equação com o Mundo e à nossa maneira de respirar, a verdade é que ninguém mais do que o ilhéu, a não ser talvez o homem da planície, possui o instinto da amplidão. É com os próprios olhos que tiramos do mar a terra que nos faltou (1996: 62).

Esta consciência da insularidade é decisiva para a assumpção da *açorianidade* enquanto dimensão cultural e (quase) filosófica do ilhéu, na medida em que passa a haver uma relação inconsciente com o mundo de proveniência e instala-se uma relação consciente e forte com a terra de acolhimento. Consequentemente, há sentimentos de pertença que se instalam e se tornam princípios inabaláveis, levando à emergência, de uma forma generalizada, de um enfraquecimento do “sentido de nacionalidade” (Rosa e Trigo, 1990: 21).

No entender de José Henrique dos Santos Barros (1981), este factor poderá estar relacionado com a emigração acentuada que pode levar a uma desagregação e a uma segmentação espacial, logo, a uma falta de “coesão social” que impede os açorianos de se verem colectivamente (74). Contudo, se, por um lado, a emigração pode apartar e desagregar, por outro lado parece-nos curioso verificar, especialmente quando se disserta sobre a açorianidade enquanto conceito, que esta se manifesta, de forma mais visível, quando a distância física existe. Assim, constata-se junto da diáspora açoriana a invocação de uma proximidade psicológica, através da lembrança, da memória, da escrita ou da leitura das vivências passadas, e assume-se a tal *coesão*, numa espécie de “catarse colectiva da libertação” mesmo que, e acima de tudo, seja imaginada (Almeida, 1989:30).

Factores objectivos, como a pobreza e o desemprego, aliam-se a factores subjectivos, como o apelo de familiares ou o sonho da fortuna fácil, para dar forma a um êxodo regular de açorianos. Em busca de um “significado cultural global” para a emigração ao longo da história portuguesa, Machado Pires identifica duas grandes justificações: por um lado, a deficiente estrutura social, com o domínio senhorial, a má exploração dos campos, a fraca industrialização e a atracção pela exploração marítima que impedia a criação de raízes e o desenvolvimento sustentado; por outro lado, e de forma imbricada, as características

RTP-AÇORES E NARRATIVAS FICCIONAIS: UMA RELAÇÃO IDENTITÁRIA

próprias do povo português – logo, também do povo açoriano – onde ressalta a *expansividade* (Pires, 1981).

Nesta linha de acção, não se pode ignorar o factor emigração na teia da construção de um conceito de identidade local. Para além de ser uma dimensão mental e espiritual, temática recorrente na literatura açoriana (*emigrada* e *étnica*)⁶, é um fenómeno importante na formação económica, social e cultural do arquipélago (Rocha, 1991: 265). De uma forma generalizada, as famílias emigradas agregam-se em comunidades e mantêm viva a sua cultura e a sua consciência insular, não só de uma forma interior, mas também de uma forma visível com o consumo de produtos regionais, com a presença da bandeira e do hino do arquipélago⁷, com a comemoração de datas marcantes, essencialmente religiosas, como as Festas do Espírito Santo⁸.

De acordo com Rosa e Salvato (1990), a emigração veio permitir a emergência da “mátria açoriana”, mãe que não assume diferenças, mas que olha os filhos como iguais, como açorianos. Em simultâneo, e de acordo com os mesmos autores, a *mátria* vive em harmonia com a *pátria*, permitindo afirmar que “a mátria dá justificação à açorianidade e que a pátria justifica a portugalidade” (19).

Apesar de a Literatura ser uma forma de expressão significativa na tradição açoriana⁹, encontrámos na RTP-Açores e na ficção televisiva (na sua maioria produtos de adaptações de obras literárias de autores locais) um potencial estudo de caso para cumprir os nossos objectivos.

⁶ Em concordância com Eduardo Mayone Dias (1983), a literatura açoriana relaciona-se com a emigração de duas formas: através da *literatura emigrada*, ou seja, criada por autores transplantados não influenciados pelo novo ambiente e através da *literatura étnica*, isto é, o trabalho de uma segunda geração de emigrantes consciente da sua cultura e do seu lugar no país de acolhimento.

⁷ A primeira bandeira surgiu em 1893 durante o chamado Primeiro Movimento Autonomista Açoriano. Com pequenas alterações, foi aprovada pelo Decreto Regional n.º 4/79/A de 10 de Abril. O hino foi composto em 1890 durante o mesmo período. Com letra de Natália Correia foi oficialmente adoptado em 1980 pelo Decreto Regulamentar Regional n.º 49/80/A de 21 de Outubro.

⁸ Ver, entre outros: João Leal (1994) *As Festas do Espírito Santo nos Açores: um estudo de etnografia social*, Lisboa: Dom Quixote.

⁹ A expressão *literatura açoriana* teve a sua primeira aparição impressa a 12 de Maio de 1852 na *Revista dos Açores*, a propósito de uma informação biobibliográfica. A partir daí, durante a segunda metade do século XIX até aos dias de hoje, a questão foi/é debatida, apoiada e rebatida. No entender de Onésimo Teotónio Almeida (1983), estamos perante um debate semântico, político, ideológico e estético que cria controvérsia por se estar a lidar com uma instância pequena (Açores) e não com uma situação nacional (Literatura Portuguesa, Literatura Francesa), onde também não existe corpo homogéneo nem barreiras definidas. Para além disso, e embora a caracterização de uma produção escrita como substrato cultural de um povo implique uma autonomia política, linguística e cultural⁹, a expressão “Literatura Açoriana” deverá prevalecer, quando usada em sentido alargado, em referência a obras que: a) falam dos Açores; b) usam os Açores como pano de fundo; c) são escritas por açorianos; d) são escritas por não açorianos, mas que falam deles ou neles se passam; e) usam regionalismos açorianos; f) não os usam, mas usam personagens ou temas que o são; g) revelam, expressam e defendem a mundividência cosmológica e ética açoriana; h) revelam, expressam e defendem a primeira e recusam a segunda, ou vice-versa ou recusam ambas; i) fazem algo ou tudo o dito de a) a h) (Almeida, 1983: 212).

RTP-AÇORES E NARRATIVAS FICCIONAIS: UMA RELAÇÃO IDENTITÁRIA

RTP-Açores

A RTP-Açores é (...) um cartão de identidade da Região Autónoma que serve (...). Fizemos com que o nosso país ficasse a conhecer-nos melhor e tornámos os Açores mais conhecidos na Europa e no Mundo (...). Há 15 anos que os Açores deixaram de estar sós. Porque a RTP-Açores fez com que hoje sejamos “Mais Nós e Mais Mundo”¹⁰.

Em 1975, no auge do PREC¹¹ no Continente, e numa altura em que, nas ilhas, os açorianos procuravam uma voz que verbalizasse as suas vontades, nem sempre coincidentes com os rumos do processo político nacional-continental, arrancam as emissões da RTP Açores. O Major Ramalho Eanes, então presidente do Conselho de Administração da RTP, solicitou o dossiê RTP-Açores que ganhara vida em 1964 pela mão do Engenheiro João Paz, funcionário da empresa. Depois de estudar o processo, as suas implicações e condicionantes, Ramalho Eanes anunciou a António Borges Coutinho¹², que a cobertura televisiva das ilhas iria realizar-se de forma célere.

Juntamente com o Eng.º Sousa Gomes e com o Eng.º Sidónio Paes, o Conselho de Administração da estação pública viu a televisão nos Açores como:

um contributo para erradicar o analfabetismo (...) um instrumento de educação e cultura (...) um instrumento de promoção de uma cultura democrática (...) um veículo que contribuísse para melhor se conhecerem todos os cidadãos (...) um meio de apelo à unidade e à responsabilidade social de todos (...) [e] uma contribuição para corroborar positivamente a transição e institucionalização da democracia.¹³

Sem pompa nem circunstância, fruto da instabilidade vivida a nível nacional e regional, com o confronto das perspectivas “autonómica” e “independentista”, a televisão era esperada com ansiedade, mas também com desconfiança, uma vez que a RTP reflectia a posição e orientação política do Movimento das Forças Armadas (MFA) e, pelas ruas de Ponta Delgada, andavam as chamadas “brigadas de dinamização cultural” a tentar moldar as mentalidades e a tentar mudar valores e conceitos.

Do dia 10 de Agosto de 1975 ficam as lembranças da programação marcada pelas *gaffes*: ao discurso do Governador Militar dos Açores, o General Altino Pinto de Magalhães (que assumira o poder espontaneamente meses antes), seguiu-se a tarde de cinema, com o filme *General à Força*; antes do Telejornal, num espaço de corte e costura com informações regionais e

¹⁰ Lopes de Araújo em entrevista ao *Correio dos Açores*, 11/08/1990, p.1.

¹¹ *Projecto Revolucionário em Curso*.

¹² António Borges Coutinho foi o primeiro governador civil do distrito de Ponta Delgada nomeado pelo III Governo Provisório depois do 25 de Abril de 1974.

¹³ Entrevista por escrito feita ao Senhor General Ramalho Eanes (Julho de 2009 – Fevereiro 2010).

RTP-AÇORES E NARRATIVAS FICCIONAIS: UMA RELAÇÃO IDENTITÁRIA

nacionais vindas de Lisboa dois dias antes, passou a rubrica *Silêncio... vamos rir!* e, no final da emissão, no momento em que deveria passar o hino português, uma falha técnica não o permitiu, fazendo com que uma telespectadora telefonasse a protestar e a reclamar que “isto aqui ainda é Portugal!” (Carreiro, 2005: 11-12).

Durante os anos seguintes, os açorianos puderam desfrutar das emissões televisivas, sendo que, a partir de 1977, com a entrada em funcionamento da Estação Terrena de Satélites da Marconi, foi possível o envio do sinal de televisão entre o Continente e os Açores. No entanto, a sua recepção era assimétrica, pois nem todas as ilhas estavam cobertas; a programação era composta com o material – bobines de filme e *videotape* – enviado de Lisboa (não havendo controlo sobre as condições climáticas) e muitos dos conteúdos eram censurados, especialmente por serem considerados como um atentado à moral pública.

Apesar de tudo, a televisão nos Açores acabou por funcionar como um “espelho” e como uma “janela de ilha para ilha”. Para tal, contribuiu, de forma decisiva, Lopes Araújo. Em Julho de 1984, o ex-chefe de redacção da RTP-Açores volta às Ilhas depois da sua transferência para Lisboa, onde concluiu o curso de Direito. Com apenas 26 anos, assume o compromisso de revitalizar a programação regional e de projectar o canal a nível internacional, contribuindo para a emergência de um período de franco desenvolvimento e levando a estação a atingir o seu apogeu.

Assim, procura integrar nos quadros novos profissionais (destacando-se o convite feito ao então assistente de realização José Medeiros¹⁴ para regressar à RTP-Açores), produz programas dirigidos à população açoriana e estabelece ligações com a diáspora espalhada pelos Estados Unidos da América, destacando-se a transmissão em directo, por satélite, das Festas do Senhor Santo Cristo em 1985, e o início da transmissão do programa de informação *Notícias dos Açores* para a América do Norte, Canadá e Bermudas, em 1987.

A programação passou a ser mais diversificada e cuidada, com uma aposta significativa na informação (*Jornal de sábado, Notícias, Sumário*), no entretenimento (com os *talk-shows Aqui Açores* e *Gente Nossa*) e no início da produção de ficção televisiva.

A RTP-Açores, apesar de já contar com nove anos de existência, ainda não se aventurara a fazer ficção – género considerado por Lopes de Araújo o estádio nobre da produção – devido às exigências humanas, técnicas e financeiros, bem como à experiência ou maturidade

¹⁴ Conhecido no meio artístico por Zeca Medeiros, é um realizador e actor de televisão, autor, compositor, letrista e intérprete. Foi o responsável pela maioria dos títulos de ficção produzidos pela RTP-Açores: *Xailes Negros, Balada do Atlântico, O Barco e o Sonho, Mau Tempo no Canal, O Feiticeiro do Vento, Gente Feliz com Lágrimas, O Sorriso da Lua nas Criptomérias, A Ilha de Arlequim e Anthero – Palácio de Ventura*.

RTP-AÇORES E NARRATIVAS FICCIONAIS: UMA RELAÇÃO IDENTITÁRIA

televisual necessárias¹⁵. Contudo, e já que, no seu entender, o aparecimento da televisão veio permitir o tal conhecimento entre ilhas, era necessário que os açorianos se (re)conhecessem para lá das actividades do quotidiano que a televisão apresentava.

Nesta linha de pensamento, em Julho de 1986 estreou, no Centro Regional dos Açores, *Xailes Negros* e, desde então, a estação regional tem procurado dinamizar a área da ficção, ora através da criação de histórias de raiz, ora através da adaptação de obras literárias de autores açorianos de renome.

Lista dos títulos de ficção produzidos pela RTP-Açores entre 1986 e 2011

Título	Ano Produção	Realizador	Formato
Xailes Negros	1986	José Medeiros	Mini-série
Pedras Brancas	1986	Domingos Monteiro	Documentário ficcionado
Balada do Atlântico	1987	José Medeiros	Telefilme
O Barco e o Sonho	1989	José Medeiros	Série
O Diabólico Plano do Barão Voz Off	1990	Emanuel Macedo	Telefilme
Ecos de Antero	1991	Emanuel Macedo	Telefilme
O Milhafre	1991	Emanuel Macedo	Telefilme
Mau Tempo no Canal	1992	José Medeiros	Mini-série
O Feiticeiro do Vento	1995	José Medeiros	Telefilme
Pepe Fotógrafo e as Valsas do Mundo	1996	José Medeiros	Telefilme
O Passaporte de Emigrante	1996	Mário Mendes	Telefilme
A Viagem	1997	Mário Mendes	Telefilme
Sete Cidades, A Lenda do Arcebispo	1998	José Medeiros	Telefilme
Vem Aí o Retrasteiro - Correr Danças	1999	José Medeiros	Telefilme
Vem Aí o Retrasteiro - Emanuel Félix	1999	José Medeiros	Telefilme
Vem Aí o Retrasteiro- Carlinhos Medeiros	1999	José Medeiros	Telefilme

¹⁵ A única iniciativa a nível ficcional de produção açoriana tinha sido o filme “Quando o Mar Galgou a Terra”, em 1954. Tratou-se de uma adaptação da obra homónima do autor açoriano Armando César Côrtes-Rodrigues (1940), com realização de Henrique Campos e produção Filmes Albuquerque. Filmado, essencialmente nas Furnas (São Miguel), conta o drama de uma jovem rapariga casada com um pescador mais velho, personagens interpretadas por Mariana Villar e Curado Ribeiro.

RTP-AÇORES E NARRATIVAS FICCIONAIS: UMA RELAÇÃO IDENTITÁRIA

Café Moderno	2000	Emanuel Macedo	12
Gente Feliz com Lágrimas	2000	José Medeiros	Mini-série
Crónica de Gente Esquecida	2001	Mário Mendes	Mini-série
O Sorriso da Lua nas Criptomérias	2006	José Medeiros	Telefilme
A Ilha de Arlequim	2007	José Medeiros	Documentário ficcionado
Anthero – O Palácio da Ventura	2009	José Medeiros	Telefilme

Fonte: RTP-Açores

Televisão/Ficção/Identidade: uma relação proxémica

Quando nos interrogamos sobre a possibilidade da ficção da RTP-Açores funcionar como espaço de apresentação, produção e reprodução de uma identidade açoriana, temos por base a assumpção da estação televisiva regional como um meio de comunicação de proximidade.

Um dos princípios de acção da televisão ou de outro meio de comunicação regional é, na verdade, a proximidade, conceito que define o serviço prestado a uma comunidade de habitantes de um determinado espaço geográfico, coeso, onde se pode partilhar um tecido informativo, económico, social e cultural. Assim, falar em proximidade é abordar experiências comuns, é invocar memórias e acontecimentos históricos compartilhados e exprimir sentimentos numa mesma língua. Todavia, não encaramos a proximidade como um dado adquirido, mas sim como algo que se constrói, pelo que um canal regional só consegue alcançar a proximidade “aproximando-se” das e através das realidades locais.

A programação assenta, desta forma, num conjunto de conteúdos de base regional, quer seja informação, entretenimento ou ficção. No que se refere a esta última categoria, há uma tendência para a exploração de temáticas locais, da realidade histórica e/ou quotidiana do público, fazendo com que entre o meio e os seus destinatários exista um conjunto consciente de “experiências compartilhadas”. Queremos com isto dizer que há uma vontade expressa, por parte dos meios, em envolver a comunidade através da invocação das suas actividades do dia-a-dia, das suas preocupações, do seu património linguístico, artístico e cultural e da sua memória histórica (Coelho, 2005: 154).

Nesta linha de acção, os indivíduos desencadeiam processos de identificação com aquilo que vêem na televisão e fazem emergir comunidades de sonho. Aquém e além fronteiras – lembre-se que as diásporas açorianas são muito expressivas – a televisão passa a exercer a função de objecto mediador entre o local psicológico e o local territorial, contribuindo para a tal

RTP-AÇORES E NARRATIVAS FICCIONAIS: UMA RELAÇÃO IDENTITÁRIA

aproximação, acima de tudo, afectiva. Através dos media, os indivíduos entram em contacto directo com “o real próximo [e é o que lhes] permite manter a conexão com as (...) origens culturais, ou as (...) comunidades de origem e reconstruir, através da imaginação, o sentido de lar primordial” (Ferin, 2008: 10).

Em sequência, e mediante a crescente convergência das plataformas tecnológicas, a informação de proximidade funciona como elo exaltador de identidades já fixadas, bem como impulsionador de novos projectos de identidade (Castells, 2003), dentro e fora do espaço físico. Paralelamente, os media regionais podem funcionar como veículos de esclarecimento sobre questões nacionais e globais, evidenciando-se o seu papel estratégico assente, acima de tudo, no compromisso para com o público (Camponez, 2002) e nas suas potencialidades para criar esferas públicas locais (Morley, 1996).

Conclusão

Desde 1986, altura em que começou a produzir ficção, o canal regional estabeleceu um *contrato* com os seus telespectadores, assente na apresentação de obras criadas, produzidas e interpretadas por açorianos de uma forma sistemática.

Constata-se, assim, uma preocupação com a **escolha e apresentação das histórias** – retratos fiéis da realidade açoriana, focando épocas específicas e situações/problemas generalizáveis a todos os habitantes, tais como a situação geográfica enquanto uma das condições de isolamento; a tensão entre o amor à ilha e a vontade de encontrar uma vida diferente/melhor, em especial nos EUA e a admiração pelo *american way of life*. Em sequência, as histórias são situadas ao nível do real com a tipificação de género, profissões, modelos de subsistência, famílias, valores e relações de poder, mas também modos de socialização e interacção.

Para além disso, os **formatos** escolhidos pela estação – mini-série, telefilme e documentário ficcionado – dada a fraca ou nula serialização, permitem uma intensificação exploratória dos aspectos e elementos locais, privilegiando, no nosso entender, o encontro com o “eu” numa dimensão simbólica. Uma vez que a difusão dos conteúdos não se estende por um período de tempo alargado, cada título assume o papel especial de *happening*, marcando o público e potenciando a recordação nostálgica.

Podemos, ainda, identificar outras particularidades do momento do *enconding*: os **títulos** das estão directamente relacionados com o conteúdo e só por si são marcantes e ilustrativos da açorianidade e da insularidade, nunca esquecendo a extensão do próprio açoriano, que são as comunidades diaspóricas (“Xailes Negros”, “O Barco e o Sonho”, “Mau Tempo no Canal”, “Gente Feliz com Lágrimas”); a **banda sonora** inclui apenas temas compostos e interpretados

RTP-AÇORES E NARRATIVAS FICCIONAIS: UMA RELAÇÃO IDENTITÁRIA

por locais, cuja utilização de tons menores ajuda o telespectador a sentir de forma mais intensa a força dos sentimentos; a **fotografia** apresenta tons cinza, verde e azul escuro, representativos dos tons naturais de ilhas, com um clima húmido e plantadas em alto mar; os **elencos** são compostos por actores e atrizes locais/não profissionais que interpretam os textos de forma natural, fazendo com que o sotaque e as expressões características ofereçam às histórias um grau de realismo elevado; os **cenários** são, na sua generalidade, cenários naturais, havendo pouco trabalho de estúdio.

Em consequência, a relação de pertença estabelecida entre os pólos produção-recepção ganha relevo, ao permitir o desenvolvimento de processos de participação, quer directos (os elencos são constituídos por amadores), quer indirectos com a invocação partilhada e o envio de cartas para a estação, em especial por parte das comunidades açorianas além-fronteiras.

Tendo em mente esta realidade em articulação com os espaços de transmissão – Arquipélago, Continente e Diáspora – podemos verificar o objectivo claro de alcançar um público diferenciado e segmentado, embora constituído por um corpo homogéneo ao nível macro identitário, e, assim, desenvolver usos e gratificações adequados: 1) para os habitantes das ilhas, a ficção televisiva transforma-se em montra de outros tempos para os mais jovens e espaço de projecção e reconhecimento para os mais velhos; 2) os não-açorianos e não conhecedores das ilhas e dos seus habitantes têm a oportunidade de contactar com as realidades de uma comunidade portuguesa, mas afastada geograficamente; 3) para os açorianos espalhados pelo mundo é, por um lado, uma forma de experienciar vivências afastadas do seu quotidiano devido ao apartamento geográfico, mas que se mantém vivas a nível afectivo e psicológico e, por outro lado, é uma maneira de mostrar aos seus descendentes, nascidos e criados em terras de acolhimento, um legado imagético e quase palpável das raízes insulares.

Assim sendo, entendemos a **ficção** da **RTP-Açores** como um **espaço** de **apresentação** (aos não-açorianos), de **produção** (para os emigrantes de segunda geração e para os habitantes mais jovens) e de **reprodução** (para os emigrantes de primeira geração e para os habitantes mais velhos) de uma identidade açoriana, ou seja, da **Açorianidade**.

“(...) Quisera poder enfeixar nesta página emotiva o essencial da minha consciência de ilhéu. Em primeiro lugar o apêgo à terra, este amor elementar que não conhece razões, mas impulsos; - e logo o sentimento de uma herança étnica que se relaciona intimamente com a grandeza do mar.

(...) o basco espanhol Baroja (...) escreveu um livro chamado *juventud, Egoatria*: "O ter nascido junto do mar agrada-me, parece-me como um augúrio de liberdade e de câmbio".

RTP-AÇORES E NARRATIVAS FICCIONAIS: UMA RELAÇÃO IDENTITÁRIA

Escreveu a verdade. E muito mais quando se nasce mais do que junto ao mar, no próprio seio e infinitude do mar, como as medusas e os peixes. Era este orgulho feito de singularidade e solidão que levava Antero a chamar aos portugueses da metrópole os seus "quási patrícios".

Uma espécie de embriaguez do isolamento impregna a alma e os actos de todo o ilhéu, estrutura-lhe o espírito e procura uma fórmula quási religiosa de convívio com quem não teve a fortuna de nascer, como o logos, na água (...)"

Vitorino Nemésio, *Açorianidade*, 1932

Referências Bibliográficas

- Almeida, Onésimo Teotónio. 1983. *A Questão da Literatura Açoriana*. Angra do Heroísmo: Gaivota/32.
- _____. 1987. *Da Literatura Açoriana. Subsídios para um balanço, comunicações ao I Simpósio sobre Literatura Açoriana*. Providence, RI, EUA: Coleção Gaivota, Direcção Regional dos Assuntos Culturais.
- Anderson, Benedict. 2005. *Comunidades Imaginadas. Reflexões sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo*. Lisboa: edições 70.
- Appadurai, Arjun. 2004. *Dimensões Culturais da Globalização. A Modernidade sem Peias*. Lisboa: Teorema.
- Barker, Chris. 2005. *Television, Globalization and Cultural Identities*. New York: Open University Press.
- Bhabha, Homi. 2006. *Nation and Narration*. New York: Routledge.
- Buonanno, Emily. O Teledrama como sistema central de narração de histórias na Itália contemporânea. *MATRIZES* (Ano 1, n.º1, São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo).
- Camponez, Carlos. 2002. *Jornalismo de Proximidade*. Coimbra: Minerva.
- Carreira, Emanuel. 2005. *1975-2005. 30 Anos de RTP-Açores*. Ponta Delgada.
- Castells, Manuel. 2003. *O Poder da Identidade*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Coelho, Pedro. 2005. *A Televisão de Proximidade e os Novos Desafios do Espaço Público*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Castellò, Enric. 2007. The Production of Television Fiction and National Building: The Catalan Case". *The European Journal of Communication* (vol. 22, n.º1: Sage), 49-68.
- _____. 2009. The Nation as a Political Stage: A Theoretical Approach to Television Fiction and National Identities. *International Communication Gazette* (vol. 71, n.º 4: Sage), 303-320.
- Dias, Eduardo Mayone. 1983. *Açorianos na Califórnia*. São Miguel: Coleção Diáspora.
- Ferin, Isabel. 2003^a. A revolução da Gabriela: o ano de 1977 em Portugal. *BOCC-Biblioteca On-line em Ciências da Comunicação*, Universidade da Beira Interior. (<http://www.bocc.ubi.pt/pag/cunha-isabel-ferin-revolucao-gabriela.pdf>)
- _____. 2003^b. As telenovelas brasileiras em Portugal. *BOCC-Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação*, Universidade da Beira Interior. (<http://www.bocc.ubi.pt/pag/cunha-isabel-ferin-telenovelas-brasileiras.pdf>).
- _____. Os Media e o Regionalismo. *Portugal. Percursos de Interculturalidade. Contextos e Dinâmicas*, coord. Artur Teodoro de Matos e Mário Lages, 371-416 (Lisboa: ACIDI, I. P).
- Hall, Stuart, Dorothy Hobson, eds. 1996. *Culture, Media, Language: Working Papers in Cultural Studies, 1972-1979* (London: Routledge,), 128-138.

RTP-AÇORES E NARRATIVAS FICCIONAIS: UMA RELAÇÃO IDENTITÁRIA

- Hobson, Dorothy. 2003. *Soap Opera*. Cambridge: Polity.
- Lopes, Maria Immacolata Vassalo de. 2008. A Telenovela como Narrativa da Nação. Notas para uma experiência metodológica em comunidade virtual, comunicação apresentada ao IX Congresso ALAIC, México.
- _____. 2009. *Org., Ficção Televisiva no Brasil: Temas e Perspectivas*. São Paulo: Editorial Globo Universidade.
- Morley, David. 2006. *Home Territories. Media, Mobility and Identity*. London: Routledge.
- Nemésio, Vitorino. Açorianidade. *Açorianidade e Autonomia. Páginas escolhidas*, ed. Carlos Cordeiro (Ponta Delgada: Signo, 1989 [1932]), 13-24.
- _____. 1995 [1932]. *Obras Completas, vol. XIII – Sob os Signos de Agora*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- _____. 1998 [1956]. *Obras Completas, vol. XVI – Corsário das Ilhas*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- O'Donnell, Hugh et al. 2009. *The Nation on Screen: Discourses of the National on global Television*. United Kingdom: Cambridge Scholars Publishing.
- Pires, António Machado. 1981. Emigração, Cultura e Modo de Ser Açoriano. *Revista Lusitana*, Lisboa: Universidade de Lisboa, CTPP 7-17.
- Rocha, Gilberta Pavão. 1991. *Dinâmica Populacional dos Açores no Século XX. Unidade, Permanência, Diversidade*. São Miguel: Universidade dos Açores.
- Rosa, Vítor Pereira, Trigo, Salvato. 1990. *Contribuições ao Estudo da Emigração nos Açores*. Angra do Heroísmo: Gabinete e Emigração e apoio às Comunidades Açorianas.
- Santos Barros, José Henrique. 1981. *Lavradores das Ilhas I*. Angra do Heroísmo: Secretaria Regional da Educação e Cultura.
- Turner, Graeme, Tay, Jinna. 2009. *Television Studies after TV. Understanding Television in the Post-Broadcast Era*. London: Routledge.

Resumo

O presente artigo procura compreender a relação entre televisão, narrativas ficcionais e identidade. Para tal, isolámos um estudo de caso da realidade nacional – a Região Autónoma dos Açores, a RTP-Açores e as suas produções de ficção. As suas características de insularidade e regionalismo preservam ainda importantes cambiantes de uma identidade delimitável passíveis de observação, levando-nos a interrogar sobre a capacidade dos títulos, produzidos e transmitidos ao longo dos tempos, em funcionar como espaços de apresentação, produção e reprodução de uma identidade açoriana, ou seja, da Açorianidade.

Abstract

This paper aims to understand the relation between television, fictional narratives and identity. To achieve this goal, we isolated a case study of the national reality – the Azorean Islands, RTP-Açores and its fictional productions. The characteristics of insularity and regionalism still preserve important nuances of a distinguished and observable identity, which

RTP-AÇORES E NARRATIVAS FICCIONAIS: UMA RELAÇÃO IDENTITÁRIA

led us to question about the ability of fiction titles, produced and aired over the years, to function as spaces of presentation, production and reproduction of an Azorian Identity, i.e., of *Azorianity*.

